

EAD, AUTONOMIA E TECNOLOGIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA

Daniel Rodrigues PAES LANDIM¹

RESUMO: Este artigo analisou de que forma pode ocorrer a emergência de comportamentos autônomos com relação à aprendizagem de Língua Inglesa em conexões com tecnologias. Nesse sentido, foi realizada uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo com alunos da Universidade Federal do Piauí. Os resultados indicam que esses alunos estão mais autonomamente imersos ao contato com a língua, quando fazem uso de recursos tecnológicos audiovisuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ead; Autonomia; Tecnologia no ensino; Língua Inglesa.

1. Introdução

Os livros didáticos deixaram de ser o único recurso no processo ensino-aprendizagem do inglês como língua estrangeira. De acordo com Leffa (1998), antigamente, os primeiros aprendizes da língua contavam somente com esse recurso, pois o objetivo principal nesse sistema de ensino pautava-se por uma aprendizagem centrada apenas na oralidade com ênfase no ensino da gramática, tradução de palavras ou expressões, mas menosprezando a comunicação contextualizada.

Hoje, com o avanço das tecnologias digitais que nos conduziram à era da informação e da comunicação, os estudos de linguagens tornaram-se cada vez mais importantes. Em consequência disso, o processo de aprendizagem de língua inglesa mudou radicalmente. É consenso entre os estudiosos Paiva (2001) e Valente (2002) que o professor de idiomas precisa fazer uso de recursos didáticos adequados ao contexto social multifacetado em que

¹ Graduando em Licenciatura plena em Letras Inglês pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí. Email: danylandim9877@gmail.com

vivemos. Por isso, as tecnologias no ensino surgem como elemento indispensável no ensino de línguas, pois, é senso comum que os recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes no cotidiano de nossos educandos.

Com relação ao papel das tecnologias no aprendizado de língua estrangeira, Finardi e Porcino (2014) afirmam que elas: " derrubam os muros das salas de aulas, apagam as fronteiras entre países e línguas e permite que o usuário faça aquilo que deseja, independente do método e do professor" (FINARDI; PORCINO, 2014, p.268). Cremos que esse fato justifica a realização de pesquisas científicas como esta, que possui o objetivo de analisar a autonomia no aprendizado de língua inglesa, a partir do uso equilibrado e eficiente de recursos tecnológicos audiovisuais.

Nesse sentido, foi realizada uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo com 30 alunos do curso de licenciatura plena em Letras/Inglês pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí, polo de Redenção do Gurguéia, Piauí.

Nas entrevistas realizadas com esses alunos, procuramos levar em consideração a própria opinião dos discentes em relação ao uso potencial dessas tecnologias no aprendizado de língua inglesa. Os resultados da pesquisa apontam que de fato eles estão mais autonomamente mergulhados no contato com língua inglesa quando lançam mão desses recursos tecnológicos com ou sem ter o suporte de seus respectivos professores.

2. Autonomia e estratégias de aprendizagem

De acordo com Paiva (2012), a autonomia pode ser entendida como "o controle que cada indivíduo exerce sobre a sua aprendizagem ou como a capacidade de aprender e de escolher suas próprias estratégias de aprendizagem."

Os conceitos de autonomia no âmbito do processo de aprendizagem podem abranger vários aspectos desde o aluno que procura contato com a língua inglesa, como a busca por um curso livre fora do ambiente formal da universidade. Dessa forma, os

caminhos que definem a autonomia também se cruzam com as estratégias que levaram o aluno a alcançar tal autonomia. Mas o que são estratégias de aprendizagem?

O'Malley e Chamor (1990, p.1) definem estratégias de aprendizagem como "formas especiais de processar informação para aumentar a compreensão, a aprendizagem, ou a retenção de informação". Essas estratégias podem ser resultantes do estilo pessoal de cada aprendiz (inatas), ou ainda aprendidas com a observação das experiências bem-sucedidas dos colegas em uma comunidade de aprendizagem.

Já que definimos o conceito de estratégias de aprendizagem, então quais seriam as estratégias usadas para legitimar a autonomia no aprendizado de língua inglesa?

Oxford (1990) divide essas estratégias em dois grandes grupos - diretas e indiretas -, e cada uma delas em três subgrupos. Vejamos resumidamente cada uma delas.

Oxford (1990) baseia-se na metáfora do teatro para explicar que, ao usar as estratégias diretas, o aprendiz age como um ator no palco, utilizando a língua em situações específicas. Contudo, em determinadas situações, ele age também como diretor, fazendo uso de sua própria experiência de aprendizagem e, por isso, lança mão de estratégias indiretas que o guiam na sua ampliação do saber. No palco da aprendizagem, o aluno protagoniza dois papéis - ator e diretor. Entretanto, para que se torne um grande aprendiz é necessário conciliar os papéis de agir com a língua e de planejar e dirigir suas ações.

De acordo com Oxford (1990), primeiramente, temos as estratégias diretas que englobam as de memória, as cognitivas e as de compensação. As memórias são usadas para arquivar e recusar novas informações. Já as estratégias cognitivas são as que nos auxiliam a compreender e a usar a língua. Igualmente importante temos as estratégias de compensação que são aquelas que nos ajudam a superar a falta de conhecimento.

Além das estratégias diretas, Oxford (1990) assegura que temos também as estratégias indiretas que englobam as metacognitivas, as

afetivas e as sociais. As metacognitivas ajudam a coordenar o processo de aprendizagem. As afetivas ajudam no controle das emoções. E por fim, as sociais consistem em aprender com os outros, solicitando ajuda através de interação social.

É importante que os aprendizes se livrem da crença de que só é possível aprender com o professor. Quando interessado na autonomia de seus alunos, o professor os encoraja a tomar iniciativas que os ajudem na aprendizagem do idioma. Como bem lembra Miccoli (2007), a aprendizagem de uma língua demanda tempo e os professores de línguas devem promover a autonomia. A autora acrescenta:

Acreditar que um aluno aprenderá tudo o que precisa para expressar-se bem em uma língua em sala de aula é impossível. Assim, tanto professor como aluno devem saber que seus papéis em sala de aula são limitados - o professor não pode ensinar tudo e o aluno não deve esperar que através do professor se aprenda tudo. Ele deve ser incentivado desde cedo a buscar suas próprias soluções e desenvolver ações que o façam avançar em seu desempenho como aluno. Isso certamente refletirá em sua vida pessoal como um ser humano mais potencializado para os desafios dos dias de hoje. (MICCOLLI 2007. p. 34)

O caminho é, portanto, a autonomia. Dickinson (1994) defende que a autonomia é uma atitude em relação à aprendizagem e oferece três sugestões para que possamos promover a independência de nossos educandos: legitimar a independência dos aprendizes, persuadir os aprendizes de que eles são capazes de aprender de forma independente e ensinar aos alunos como se aprende de forma independente.

Nessa seção, vimos algumas estratégias que nos ajudarão a alcançar a autonomia no aprendizado de língua inglesa. Na seção seguinte, discutiremos a importância da tecnologia como elemento promotor da autonomia no aprendizado do inglês como língua estrangeira.

3. Recursos tecnológicos no aprendizado de Língua Inglesa

No mundo globalizado em que vivemos, a realidade educacional no contexto atual vem exigindo das escolas e dos professores a inserção de novas práticas educativas que ampliem o conhecimento dos educandos. E, dentre essas práticas, encontram-se o uso de recursos tecnológicos audiovisuais, que veem sendo utilizados por muitos educadores como meio de facilitar e colaborar com a aprendizagem autônoma dos educandos.

Estudos recentes vêm demonstrando que o uso das TICs ocorre mais fora do espaço escolar do que no interior da sala de aula. Mais ainda, que a inserção das TICs na Educação implica uma mudança de paradigma que transcende a dimensão do ensino tradicional vigente. Essas mudanças por sua vez chegaram à educação dando uma nova abordagem ao trabalho do professor, fazendo com que este perceba que os tempos mudaram e que existe a necessidade da escola se adaptar as inovações, de modificar sua prática, de realizar novas formas de ensinar, de buscar modificar suas práticas habituais. (SANTAROSA 2007, p. 136 ; DOWBOR 2004, p. 18)

É imprescindível que os educadores compreendam que essas ferramentas tecnológicas não são apenas modismos, mas ferramentas capazes de promover a interação dos discentes, com novos conhecimentos, de forma que possa ampliar sua autonomia, suas habilidades cognitivas, suas competências e possibilidades de interação social, reconfigurando a prática pedagógica, ao mesmo tempo que dinamiza a aprendizagem. Nesse sentido, Moran (2007) e Barbeiro (1996) asseveram:

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. [...] O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, em torno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto. (MORAN, 2007, p. 164; BARBEIRO, 1996, p. 10-22.)

No entanto, fazer essa transição da tecnologia digital usada no cotidiano para o ambiente escolar ainda continua sendo um desafio, pois as escolas ainda têm dificuldades de dominar outras formas de línguas, além da linguagem verbal, daí a importância do professor estar sempre preparado e qualificado para lidar com esses novos recursos e inseri-los em sua prática docente. Ensinar uma língua fora dos espaços sociais onde ela é falada sempre foi um desafio para os professores. Contudo, com a evolução do ensino de línguas, a tecnologia desempenha um papel importante para minimizar o problema da pouca exposição ao idioma.

Segundo Paiva (2012), a primeira tecnologia a revolucionar o ensino de línguas estrangeiras foi o livro didático, a segunda foi a gravação em áudio, com a criação do fonógrafo e seus desdobramentos até chegar aos gravadores portáteis e depois aos CDS. Em seguida foi a vez da tecnologia em vídeo, e hoje temos um leque vasto e diversificado de tecnologias que consagram de forma definitiva o avanço dessa ferramenta, como um elemento de salutar importância para a emergência de comportamentos autônomos no ensino de línguas.

Um exemplo específico que poderíamos citar é a Internet, através de poucos cliques é possível realizar diversas atividades que facilitarão nosso aprendizado - a integração da escrita, do áudio e do vídeo em mídias multimodais, que permitem a interação em tempo real entre falantes e aprendizes. Isso tudo de modo assíncrono em poucos cliques no mouse do nosso computador.

Segundo Warschauer (2001), com base em sua própria pesquisa (1996), dissertando a respeito da conversa mediada pelo computador, afirma que "ela é mais complexa e mais densa do que a interação face a face". Citando a pesquisa de Wang (1993), ele assevera que a interação por email é "mais informal e conversacional do que a escrita com lápis e papel". Warschauer conclui:

Estudos comprovam que a comunicação mediada pelo computador se situa no meio do continuum que vai da comunicação mais formal (geralmente caracterizada pela escrita) à menos formal (geralmente caracterizada pela fala). [...] Esses resultados de pesquisa sugerem

que a comunicação mediada pelo computador pode ser uma ferramenta útil para encorajar maior participação dos alunos quietos e calmos e para criar alternativas para a estrutura padrão interacional da sala de aula, em que o professor inicia os turnos, o aluno responde, e o professor comenta. (WARSCHAUER 2001, p. 209)

Além do computador, outro recurso bastante utilizado é o celular (ou smartphone) por possuir nos dias de hoje uma infinidade de recursos audiovisuais e de interação síncrona e assíncrona com outros usuários mais ou menos competentes foneticamente. Os aparelhos celulares além de acessíveis e práticos também são de grande ajuda àqueles que estudam a língua inglesa por conta própria. Parte importante desse aprendizado pode ser viabilizado por meio do uso de aplicativos como ferramenta de aprendizagem. Entretanto, é preciso atentar-se para o uso correto em meio às inúmeras alternativas disponibilizadas: “com tanta informação é fácil perder-se entre tantas conexões possíveis, mas difícil escolher o que é significativo e daí construir relações de conhecimento” (SILVA, 2016, p. 11).

O lado positivo disso tudo é que, nos dias de hoje, há uma grande facilidade no acesso a essas tecnologias, devido principalmente aos efeitos da globalização. Entretanto, é importante frisar que essa facilidade não é válida para todos e em todos os contextos nacionais. Mesmo assim, Finardi e Porcino (2014) afirmam que a internet trouxe além de acesso a informação, mais autonomia ao buscar-se informação e conhecimento. O que fica evidente com o grande número de pessoas que exercem a autonomia, buscando por conta própria cursos online em funcionamento.

Dessa forma, é quase impossível, nos dias de hoje, dissociar as tecnologias da aprendizagem de língua inglesa já que elas são as marcas do mundo globalizado e digital. O uso dessas tecnologias como ferramenta de aprendizagem deve ser antes de tudo bastante analisado a fim de valorizar o importante papel do inglês no mundo atual (FINARDI; PORCINO, 2014).

4. Procedimentos metodológicos

Na primeira parte desse estudo, fizemos uma revisão bibliográfica visando aprofundar nosso contato com pesquisadores que discutem a temática abordada nesse artigo.

Nesta segunda parte, optamos pela técnica da observação. E para coleta e interpretação de resultados, recorreremos à aplicação de questionários. O estudo do caso optou por uma abordagem qualitativa. Os questionários foram aplicados para um total de 30 alunos que cursam licenciatura plena em Letras Inglês pelo Centro de educação aberta e a distância da Universidade Federal do Piauí, polo de Redenção do Gurguéia, Piauí. Os entrevistados têm idades entre 20 a 40 anos, sendo que 90% dos alunos são do sexo feminino e 10% do sexo masculino. A coleta de dados ocorreu inicialmente através de conversas informais entre os grupos de estudantes escolhidos e posterior entrega do questionário aos alunos do curso de Letras Inglês.

Assim, analisamos o conjunto de respostas e decidimos apresentar nesse artigo as mais pertinentes, que são as respostas atribuídas por cinco alunos representados pelos símbolos A1, A2, A3, A4 e A5. Os questionários continham nove questões, quatro abertas e cinco fechadas, todas relacionadas às habilidades de autonomia no processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes, objeto de estudo deste trabalho. Para efeitos deste artigo, optamos por eleger apenas as principais questões que estão diretamente relacionadas às habilidades de autonomia. A análise dos resultados teve por base a abordagem sóciointeracionista de Vygotsky (1994).

5. Análise e interpretação dos dados

Neste tópico, serão analisadas as respostas dos participantes sobre o uso da internet e da tecnologia no aprendizado de língua inglesa. A primeira pergunta questiona se os alunos se identificam com o curso que estão fazendo.

Sujeitos	Respostas
Aluno 1	Sim
Aluno 2	Sim
Aluno 3	Sim
Aluno 4	Sim
Aluno 5	Sim

Tabela 1- Você se identifica com o curso que está fazendo?

Os alunos A1, A2, A3, A4 e A5 expressaram que há identificação com o curso que estão fazendo. Isso evidencia que os estudantes estão motivados e interessados pelo curso que estão fazendo.

Sobre essa questão, Belloni (1999) e Preti (2000) discutem que a motivação e a participação do aprendiz são condições determinantes para o sucesso nos estudos em EaD, pois, à medida que o aluno demonstra que gosta e se envolve com o curso, seu nível de conhecimento é consideravelmente aumentado.

Sujeitos	Respostas
Aluno 1	Sim. Internet e livros.
Aluno 2	Sim. Internet e livros.
Aluno 3	Sim. Internet e livros.
Aluno 4	Sim. Internet e livros.
Aluno 5	Sim. Internet.

Tabela 2- Você tem facilidade em fazer trabalhos de pesquisas? Quais são as fontes mais utilizadas?

Pelas respostas dos alunos, constatou-se que todos possuem facilidade em fazer trabalhos de pesquisa e que a maioria utiliza a internet e os livros como fonte de informações. Sabe-se que a educação com o apoio do computador é uma das referências em EAD e tem contribuído para a construção do processo de ensino e de aprendizagem nas mais variadas áreas do conhecimento. A utilização dos sites é de grande ajuda para os estudantes de EAD, no entanto, os livros precisam se fazer presentes para também auxiliar os

estudantes, pois nem todas as bibliografias são encontradas na internet.

Sujeito	Respostas
Aluno 1	Distância, talvez a ausência de professores, se fosse diariamente facilitaria mais.
Aluno 2	No início a ferramenta computador hoje o tempo escasso, curto para estudar.
Alunos 3	Matérias exatas, pois não temos o suporte dos professores, assim fica difícil dominar tais disciplinas.
Aluno 4	O contato com professor, esse contato só ocorre pela plataforma de estudos, e geralmente demoram para fazer os feedbacks.
Aluno 5	Geralmente o ambiente, ou seja, utilizar e usar o ambiente e trocas de ideias com os professores.

Tabela 3- Quais as maiores dificuldades no curso EAD que você frequenta?

A1, A4 e A5 citam que uma das dificuldades que enfrentam no curso a distância é a ausência ou pouco contato com o professor. A5 complementa que tem dificuldade em utilizar o ambiente virtual de aprendizagem. A2 comenta que a primeira dificuldade foi o uso do computador, mas afirmou que isso já foi resolvido, porém, persiste a dificuldade na organização do tempo. A3 ressalta que tem dificuldades com alguns conteúdos específicos, alegando que falta suporte para auxiliar no entendimento, mas, não comenta que tipo de suporte seria necessário.

Sobre a ausência e/ou pouco contato do professor com o aluno, Preti (2000) afirma que os estudantes de EaD devem possuir confiança em si mesmos, em sua capacidade de aprender de maneira autônoma, sem depender passivamente do professor.

Quanto à dificuldade em utilizar o computador e a internet, possivelmente, se deve ao fato de que muitos alunos, especialmente aqueles que têm maior idade, nunca manusearam esses recursos ou tiveram um mínimo contato com eles.

A essência do ensino a distância é o fato de ser mediado pelas tecnologias. Os alunos devem buscar esse conhecimento para que possam efetuar o bom uso das ferramentas educacionais.

O tempo é um fator que realmente merece atenção na EAD. De acordo com Preti (2000), o aluno deve planejar o desenvolvimento dos conteúdos, observando o limite de tempo para isso. E conforme discute Belloni (2003), os estudos devem ser estabelecidos conforme o que foi definido e, as rotinas da vida familiar não podem “quebrar ou amolecer” os compromissos assumidos.

As dificuldades com relação aos conteúdos específicos podem ser sanadas com uma maior busca pelo entendimento dos mesmos, seja por meio de pesquisa ou pelo contato com outras pessoas. Assim, um dos aspectos que influencia na facilidade do aprendizado, conforme destaca Preti (2000), é estar em atitude de aprendizagem e de interesse.

Sujeitos	Respostas
Aluno 1	Mesmo cursando uma graduação à distância que é uma modalidade desvalorizada, mesmo estudando sozinho, buscar eficiência.

Aluno 2	Caminhar com suas próprias pernas, seja por meio da internet, na pesquisa com os livros, aprender com seus erros e acertos.
Aluno 3	Aquele que mesmo sem ter o auxílio do professor, desenvolve suas atividades com êxito.
Aluno 4	O aluno autônomo é aquele que constrói seu próprio conhecimento.
Aluno 5	Aquele que sempre tem facilidade de compreender a matéria, tem um ótimo desempenho acadêmico e sempre tira boas notas.

Tabela 4- Para você o quê é ser um aluno autônomo na educação a distância?

Nota-se que A1, apesar de apresentar uma resposta um pouco confusa para o que lhe foi interrogado, deixa em evidência a questão do estudo em EAD ser sinônimo de isolamento e o fato do aluno estar “solitário” no processo de ensino e de aprendizagem, conforme ressalta Walker (1993 *apud* BELLONI, 2003, p. 47). Na resposta do aluno, é possível perceber que ele não se sente reconhecido como um acadêmico tradicional. Falta-lhe o sentimento de pertencimento e a integração na instituição onde estuda, já que o mesmo deseja algum tipo de reconhecimento. Pode-se abstrair dessa colocação do aluno a questão discutida por Belloni (2003), que aponta para a maturidade e a motivação desse alunado, pois, se assim o fosse o aluno em estudo, não precisava de reconhecimento.

A2, de forma indireta, consegue apresentar os aspectos desejáveis para ser um estudante autônomo em EAD. Belloni (2003, p. 40) cita vários autores que discutem a questão do aluno autônomo, gestor do seu processo de aprendizagem. Para o aluno referenciado, MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 620-640

a flexibilidade é o aspecto mais importante, isso evidencia que ele se sente à vontade por ser um estudante da EAD, nesse caso, se aproxima do ideal esperado para esse alunado.

Na resposta de A3, fica subentendida a necessidade de apoio presencial, no entanto, é possível perceber que, mesmo parecendo necessitar desse apoio, ele sabe que em EAD o aluno autônomo deve ir em busca de conhecimento para então desenvolver suas atividades sem maior dificuldade.

O aluno A4 conseguiu de forma sucinta conceituar quem é o estudante autônomo, o que condiz com a afirmação de Belloni (2003, p. 42): “na aprendizagem autônoma, o estudante não é objeto ou produto, mas um sujeito ativo que realiza a sua própria aprendizagem”.

Na opinião de A5, o processo de ensino e de aprendizagem se fundamenta na questão da nota, desse modo, o aluno não denotou possuir nenhum conhecimento sobre o real significado de estudante autônomo.

Sujeitos	Respostas
Aluno 1	Assisto filmes legendados, ouço músicas em inglês e assisto séries de TV em inglês.
Aluno 2	Leio revistas, ouço músicas, assisto filmes e séries em inglês.
Aluno 3	Eu gosto de desenvolver minhas habilidades de ouvir e falar em inglês. Para isso assisto filmes em inglês com legenda em português, ouço músicas em inglês, traduzo e tento reproduzir.
Aluno 4	Faço aulas de conversação e baixo na internet livros e gibis infantis em inglês para ler.

Aluno 5	Uso principalmente a Internet, porque nela encontro tudo que preciso.
---------	---

Tabela 5- Qual recurso você utiliza para aprender inglês sozinho?

Os alunos utilizam as tecnologias para aprender inglês, muitas vezes, através de fontes de entretenimento, conforme se observa pelas respostas dos participantes A1, A2, A3 que relatam utilizar séries, filmes e músicas em sua aprendizagem autônoma. Esses participantes relatam utilizarem a música para aprenderem a língua inglesa.

De fato, a música se mostra uma excelente forma de aprendizagem, uma vez que seu uso é atrativo e prazeroso aos jovens, o que torna a aprendizagem mais eficiente. Apesar da potencialidade de aprendizagem com a música, não fica claro o que exatamente esses alunos fazem autonomamente com ela, pois, apenas ouvir música não garante a aprendizagem.

Essa mesma consideração se aplica à utilização autônoma dos recursos tecnológicos, pois, apesar de usarem, não informaram de que maneira estão utilizando em prol da aprendizagem, principalmente ao mencionar a internet, como é o caso do aluno A5. Apesar da pergunta não estar direcionada no “como”, mas no “o que” se faz para aprender, apenas o aluno A5 respondeu de forma mais coerente sobre o que ele faz para aprender a língua.

Sujeitos	Respostas
Aluno 1	Acredito que seja a única maneira, pois exige treino e dedicação além da sala de aula. É o mais próximo da vivência.
Aluno 2	Sim. Buscando meios de enriquecer o vocabulário e a conversação.

Aluno 3	Sim. Existem muitas evidências que provam que de fato isso pode ocorrer. E agora com o avanço da internet, é uma situação mais imediata, levando em consideração que o conhecimento é alcançado mediante o empenho e esforço, agindo assim é possível alcançar a fluência no idioma.
Aluno 4	Sim. Já ouvi vários relatos de pessoas que dizem ter alcançado fluência estudando sozinhas em casa. Na minha experiência pessoal posso dizer que aprendi muita coisa através das práticas já descritas nas perguntas anteriores.
Aluno 5	Sim. Acredito que no começo a pessoa precisa de ajuda aí depois pode estudar sozinho.

Tabela 6- É possível se tornar fluente em inglês estudando sozinho? De que forma?

Pelas respostas há possibilidades de ser fluente em língua inglesa estudando por conta própria. O participante A4 afirma conhecer pessoas que atingiram a fluência estudando sozinhas em casa. A3 apresenta ponto de vista parecido, destacando que é de suma importância que o estudante se dedique e se empenhe para que a fluência seja atingida. O participante A5 relata que, em sua opinião, é necessária primeiramente a ajuda de alguém para depois haver o desenvolvimento da autonomia. Pensamento similar ao exposto pelo participante A4.

Nesse momento compreende-se que o professor tem o papel de facilitar a aprendizagem do aluno e ajudá-lo a desenvolver sua autoconfiança, tornando-o mais autônomo e menos dependente. O participante A1 ressalta que, em sua opinião, a única forma de aprender a língua inglesa é através de treino e dedicação que é o que mais se aproxima da vivência de um nativo.

Apesar de apresentarem conceitos diferentes sobre autonomia na aprendizagem, os participantes seguem a mesma linha de raciocínio na qual a autonomia figura como sendo a tomada da responsabilidade total por sua aprendizagem, além de apresentarem confiança ao relatar a autonomia que exercem sobre sua aprendizagem.

Entre as práticas relatadas como as mais utilizadas para o exercício da autonomia como forma de aprendizagem, encontram-se o uso de músicas, filmes e séries em inglês e suas respectivas legendas. É relevante notar que poucos participantes relataram utilizar livros didáticos como forma de aprendizagem.

Entretanto, grande parte dos entrevistados narra que o uso da internet é crucial nos dias atuais quando se trata de estudos por conta própria. Após a análise dos dados, ficou evidente que os participantes acreditam ser possível aprender Inglês de forma autônoma, se o aprendiz se dedicar e se esforçar para que isso ocorra. Mas, em algumas situações, é necessário o suporte de um professor no início do processo no sentido de criar condições para que a aprendizagem ocorra e comportamentos autônomos possam emergir.

Considerações Finais

Nesse artigo, analisamos de que maneira acontece a emergência de comportamentos autônomos no aprendizado de língua estrangeira. Contudo, essas páginas não esgotam o tema. Todos nós podemos fazer uso de recursos tecnológicos que serão elementos promotores da autonomia no aprendizado de línguas. Como bem afirma Nicolaidis:

Em princípio, todo ser humano é autônomo, tanto que é capaz de aprender milhares de tarefas ao longo de sua vida e acaba por ser capaz de fazê-las um dia sem a ajuda de outro. Na aprendizagem de línguas não pode ser diferente; ela se dá por meio da interação social, contanto que haja oportunidade para tal. (NICOLAIDES 2003, p. 23)

Para interagir socialmente, o aprendiz precisa ser um comunicador autônomo. Nessa desafiante tarefa, a tecnologia surge como um elemento indispensável para que o aprendiz tenha uma fonte rica e diversificada de estratégias para alcançar eficiência no aprendizado de língua inglesa.

Como apontam os dados qualitativos e os autores nos quais embasamos esta pesquisa, as tecnologias auxiliam, sim, no processo de aprendizagem de língua estrangeira. Esperamos que esse estudo contribua para que possamos de fato alcançar a autonomia no aprendizado da língua inglesa.

PAES-LANDIM, Daniel Rodrigues. EAD, Autonomia e tecnologia: desafios e possibilidades no ensino e aprendizado de Língua Inglesa. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v.18, n.1, p. 620-640, 2019.

EAD, AUTONOMY AND TECHNOLOGY: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN TEACHING AND LEARNING

ABSTRACT: This article analyzes how the emergence of autonomous behaviors in relation to the learning of English Language in connections with technologies can occur. In this sense, a bibliographical review and a field research with students of the Federal University of Piauí were carried out. The results indicate that these students are more autonomously immersed in the contact with the language, when they make use of audiovisual technological resources.

Keywords: EAD; Autonomy; technology in teaching; English language.

Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Jesús Martin. *Herdando em futuro. Pensar lá educación desde la comunicación*. Nómadas. Bogotá, Setembro de 1996, n.5. p. 10-22.

MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 620-640

- BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Autores associados, edição 1999 e 2003.
- DICKINSON, L. Learner autonomy: what, why and how? In: LEFFA, V. (Ed). *Autonomy in language learning*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- DOWBOR, L. O espaço do conhecimento. In: *A revolução tecnológica e os novos paradigmas da sociedade*. Belo Horizonte, IPSO, 2004.
- FINARDI, R.K; PORCINO. M.C. *Tecnologia no ensino do inglês: impactos da globalização e internalização*. Ilha do desterro. n. 66, p. 239-282. Jan/Jun, 2014.
- LEFFA, V. Metodologia do ensino de línguas In: BOHN H. I; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1998, p. 211-236.
- MORAN, José. *Desafios na Comunicação Pessoal*. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.
- MICCOLI, L. *Ensino e aprendizagem de inglês: experiências, desafios e possibilidades*. Campinas: Pontes, 2010.
- NICOLAIDES, C.S. *A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras da UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3995/000406519.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 mar. 2012.
- O'MALLAY, J.M.; CHAMOT, A.U. *Learning strategies in second language acquisition*. Camdridge: Cambridge University Press, 1990.
- OXFORD, R. *Language learning strategies: what every teacher souls know*. New York: Newbury House, 1990.
- PAIVA, V.L.M.O. *A www e o ensino de inglês*. In: Revista brasileira de linguística aplicada. V. 1, n. 1, p. 93-116, 2001.
- PENNYCOOK, A. Cultural alternatives and autonomy. In: Benson, P.; VOLLER, P. *Autonomy and Independence in linguagem learning*. London/New York: Longman, 1997. p. 35-53.
- PRETI, O. Autonomia do aprendiz na educação a distância. In: PRETI, O. (org). *Educação a Distância: construindo significados*. Cuiabá: NEAD/ IE- UFMT. Brasília: Plano, 2000.
- PAIVA, Vera Menezes de Oliveira. *Ensino de língua inglesa no ensino médio: teoria e prática*. São Paulo: Edições SM, 2012.
- SANTAROSA, Lucila M.C. "Escola Virtual" para a Educação Especial: Ambientes de Aprendizagem Telemáticos Cooperativos como Alternativa de Desenvolvimento. Revista de Informática Educativa, Bogotá/Colômbia, UNIANDES, 10(1): p. 115-138, 2007.
- SILVA, M. P. *Novas possibilidades para aprender a língua inglesa com o uso dos dispositivos móveis*. Florianópolis: MEC, UFSC, SED-SC e UNDIME, 2016.
- VALENTE. J. A. A espiral da aprendizagem e suas tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. In: *A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.
- VYGOTSKY. L, S. *A formação Social da Mente*. Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- WANG, Y.M. *E-mail dialogue journaling in an ESL reading and writing classroom*. Unpublished PhD dissertation, University of oregon, 1993.

EAD, AUTONOMIA E TECNOLOGIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA

WARSCHAUER, M. Online communication. In: CARTER, R; NUNAN, D. (Ed.). *The Cambridge guide to teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Anexo 1- Questionário EaD, Autonomia e tecnologia:
desafios e possibilidades no ensino aprendizado de Língua
Inglesa

Data: _____/_____/_____

Sexo:

() Masculino

() Feminino

Nome:

Idade:

1. Você se identifica com o curso de Letras Inglês que está fazendo?

() Sim

() Não

2. Por que você escolheu esse curso?

3. Quais ferramentas seu professor sugere ser útil no aprendizado de língua inglesa?

4. Você tem facilidade em fazer trabalhos de pesquisas? Quais são as fontes mais utilizadas?

4. Quais as maiores dificuldades no curso na modalidade a distância que você frequenta?

5. Para você o que é ser aluno autônomo na educação a distância?

6. Qual recurso você utiliza para aprender inglês sozinho?

7. É possível se tornar fluente em inglês estudando sozinho? De que forma?

8. Seu professor o estimula a buscar autonomia no aprendizado de língua inglesa?

9. Quais são as suas maiores dificuldades no aprendizado de língua inglesa?
